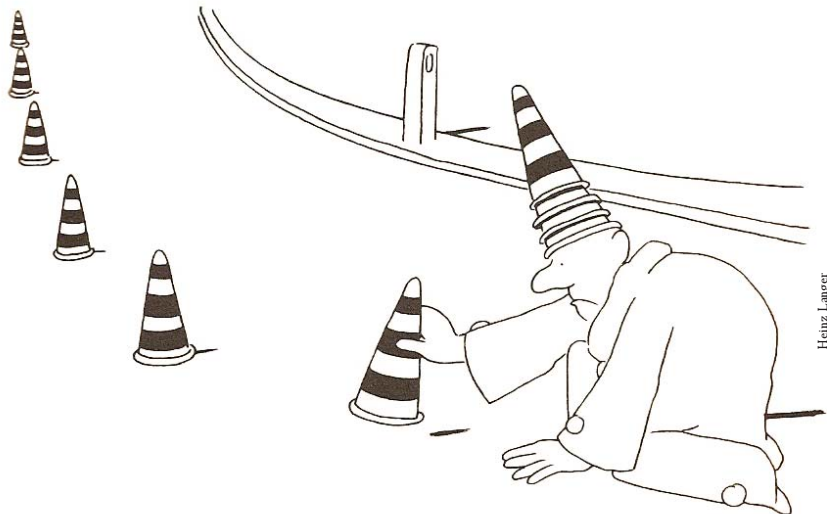


De tirar o chapéu!



O lançamento do número 6 do Plástico Bolha coincide com a chegada de uma nova leva de alunos a faculdade e, antes de tudo, damos as boas-vindas aos calouros, que queremos ter como leitores e colaboradores.

Na pequena jornada do jornal, temos recebido textos diversos e, se o mérito for provocar a escrita e a imaginação, fazer os alunos – de qualquer curso – tirar os blocos da gaveta, estamos no caminho certo.

Desejamos aos recém-chegados que, entre uma chopada e outra, entre os pilotis e as xeroxes, a biblioteca e o bandeirão, descubram que a faculdade é muito mais do que aulas teóricas e práticas.

A troca de idéias é fundamental e o Plástico Bolha se oferece como espaço de criação. Envie-nos o seu material: ficção ou ensaio, prosa ou verso, enfim, qualquer forma de manifestação artística que possa se impressa em um jornal. O e-mail é jornalplasticobolha@gmail.com.

Neste número, textos de Luiz Coelho, Paulo Gravina, Camila Justino, Isabel Diegues, e muito mais. A professora Érica Rodrigues parte de uma passagem de Manuel de Barros para escrever um interessante *Aos alunos com carinho* e Gregório Duvivier nos apresenta Haroldo, *O homem que nasceu velho*. Além disso, o espaço *Clique Aqui*, que estreou na edição passada, traz mais uma boa dica de site na internet. Para finalizar, um ensaio sobre a tradução de textos infantis.

Não é por nada não, mas o Plástico Bolha 6 está... de tirar o chapéu.

Itinerário

Tire a roupa; há um tempo para cada coisa anteriormente fixado; execute o ritual como um iniciado. Faça despindo-se de si mesmo, ignore-se como espectador desse espetáculo. Suba no púlpito; abrir o chuveiro é como ajustar para si o microfone. Hesite antes de entrar, é fundamental o intervalo entre o seco e o molhado; afinal, é nesses instantes que você é só você. Molhe-se sem esmorecer; definitivamente, decida-se. Não seja superficial, use shampoo e condicionador, além, é claro, do sabonete. Repita essa operação, a constância conduz à perfeição. Se não sentir prazer nisso, lembre-se de que alguns chegam à perfeição pela ascese. Por fim, lembre-se de que o fim de todas as coisas molhadas é a toalha, e todos que fugiram desse fado foram amaldiçoados pelo mal que rasteja ao meio-dia: a micose.

Enquanto não tomar outro banho, não tire a roupa.

Luiz Coelho (Letras - PUC)

Amor à flor da pele

A Isabel e Sueli,
minhas primeiras intrépidas leitoras

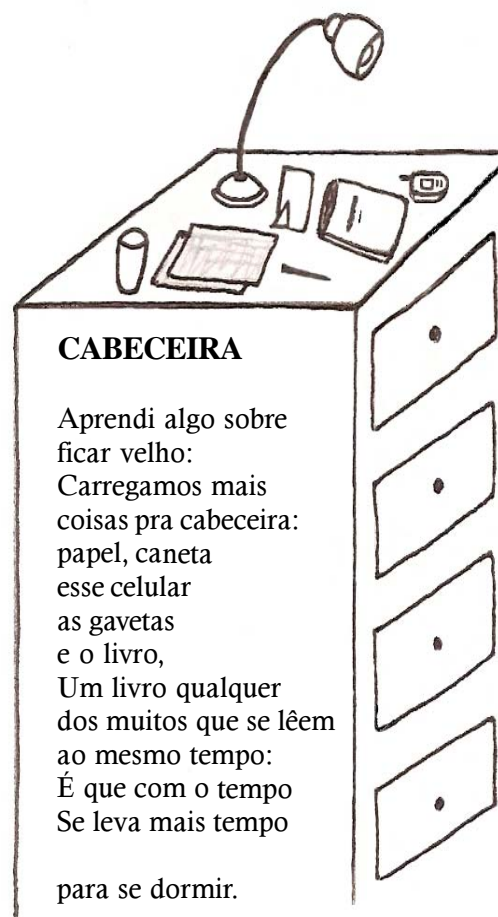
Antes do amor eram fracos rumores,
Choros, gemidos, resquícios de lares.
Portas abertas revelam temores,
Levam amantes para além dos mares.

Abandonados, ambos, por seus pares
Vagam doridos, anestesiados
E num encontro à luz âmbar dos bares
Identificam presentes trocados

Ei-los unidos, destino implacável
Dois corações e uma dor tão pungente
Prólogo audaz de um encontro inflamável.

O amor desvela os corpos ardentes
No tortuoso e almejado caminho
Dos que queriam-se sós e dolentes.

Beatriz Sayad
(Letras - PUC)



CABECEIRA

Aprendi algo sobre
ficar velho:
Carregamos mais
coisas pra cabeceira:
papel, caneta
esse celular
as gavetas
e o livro,
Um livro qualquer
dos muitos que se lêem
ao mesmo tempo:
É que com o tempo
Se leva mais tempo
para se dormir.

Diogo Henrique (UNIG)

Respiração



Exalar o ar dos pulmões
bafejar, expirar

Proferir, dizer,
revelar, demonstrar
Expirar

Chegar ao fim,
terminar,
Finar

Extinguindo-se pouco a pouco
definindo até sumir-se
Expirar

E terminar por perder
a força, a ação
dissipar-se, acabar-se
Morrer

desaguar
afrouxar gradualmente,
desaparecer
padecer
Expirar

aflar, arfar, ofegar
Inspirar

Introduzir o ar nos pulmões
suscitar, insuflar
Inspirar

entusiasmar-se, influenciar-se
fazer com que a idéia se apresente
e doar

Desprender o ar dos pulmões
bafejar, expirar
Exalar

soltar, emitir, expandir
proferir, manifestar
fluir, emanar, exalar
...vapores, odores, perfumes
respirar

Isabel Diegues (Letras - PUC)

Nos alunos com carinho

Sempre que me vejo em apuros para escrever um texto, começo a abrir todos os livros de poesia que tenho em casa, buscando um verso, uma palavra que me inspire — como se os livros de poesia fossem manuais de auto-ajuda... Para escrever este texto, o processo foi o mesmo, um verdadeiro garimpo nos livros. De repente, uma frase salta de uma página de Manoel de Barros: “Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.”

Essa frase me resgata da inércia diante da folha em branco e me traz de volta lembranças de quando ingressei na faculdade de Letras, há 18 anos. Foi o momento em que mais fortemente tive de lidar com minhas imperfeições. Sentia que tudo me faltava – leituras, experiências, jogo de cintura. No contato com os outros alunos, fui encontrando parceiros dessa angústia inicial e, juntos, prosseguimos abraçados às nossas incompletudes. Quando terminei a graduação e comecei o mestrado, o mesmo sentimento me seqüestrou. Lá estava eu, mais uma vez refém da imperfeição. Uma dor de estômago a cada prova, a cada trabalho, a cada seminário. Tudo parecia tão distante do ideal... Não desisti (embora em vários momentos tenha considerado essa possibilidade). Prossegui, também com a ajuda dos meus colegas de turma. No doutorado, já professora da PUC com bons anos de experiência, me dei conta que a tal imperfeição não ia desgrudar nunca mais. E comecei a pensar que o melhor a fazer era ir aprendendo a conviver com ela, de forma mais tranqüila. Descobri que é bom se saber imperfeito, pois isso nos move na direção da busca do melhor, do aprendizado contínuo, nos torna mais tolerantes com as falhas dos outros.

Nos últimos tempos, tenho visto muito aluno angustiado com o fato de não dar conta de tudo, de não entender tudo, de não conseguir escrever o texto perfeito. Fico preocupada e, ao mesmo tempo, feliz com essa situação. Preocupada porque, diante dessa angústia, alguns (poucos, felizmente) têm optado pelo caminho da displicência, da falta de cuidado, do pouco caso. Esse caminho é muito perigoso; leva gradativamente ao desaparecimento da imperfeição. E pode fazer com que muitas pessoas talentosas, interessantes, deixem de explorar seu potencial. Feliz porque a angústia também tem feito com que vários alunos formem grupos de estudo, mergulhem nos livros da biblioteca, procurem os professores nos horários de atendimento – uma opção pela troca, pelo aprender. Espero, sinceramente, que este tipo de atitude se espalhe e contamine todos vocês. Que a imperfeição permaneça!

Érica Rodrigues

Professora de língua portuguesa e lingüística

Burrice

Tinha vitrola de ficha pra gente dançar, um bom carteado, sinuca à vontade e cerveja gelada. Mara, magra e bonita, não deixava o meu copo vazio e enfeitava-me com sua fala, seus jeitos, seu ar. Podia passar a Débora Secco de minissaia que meus olhos eram já da simpática magrona. Nada mais do que simpática, para acabar por aqui com os adjetivos, esses tão injustos com essa mulher. Mara olha pro meu rosto, não necessariamente os olhos, passeando sua vista pela minha boca, minhas orelhas, meu nariz, meu pescoço. Como se filmasse tudo.

De um nada me deu a vontade. Cinquenta pratas pro Alemão desligar a vitrola. O silêncio me permite que fale baixo para que Mara escute o que ainda não sei como explicar.

Mas ela é muito mais rápida e emenda:

- Não fala, não quero te ouvir sobre isso agora. Vou indo - e anota apressadamente seu telefone no guardanapo. - Meu número não é enfeite, hein... é pra ligar mesmo.

A querida Mara é rápida, mas muito burra. Não vou ligar e talvez ela até saiba disso ... E o burro, quem sabe, seja eu.

Camilo Pinheiro Machado (Comunicação Social - PUC)

Subjetiva

por Gregório Duvivier

O homem que nasceu velho

Quando Haroldo nasceu, ele devia ter uns 76 anos, configurando um caso raro de bebê idoso. O primeiro som emitido por ele não foi um choro, mas um gemido de dor, fruto de uma pontada no coração. Antes mesmo de notar se era menino ou menina, o médico constatou: “É velho”. De fato, ele tinha rugas, reumatismo e murmurava coisas enfadonhas a respeito de política. Por isso lhe deram esse nome, Haroldo, que só dariam mesmo a um bebê velho. Ele reclamou, é claro; disse que aquele nome era um exemplo típico de descaso com o idoso. Mas pouco ligaram, como pouco ligam para o que dizem os velhos. O tempo foi passando e, na creche, Haroldo tentava insistentemente convencer os alunos a largarem as massinhas e a jogarem sueca. Aos 6 anos lia o *Jornal do Comercio* e sofria do coração. Sua saúde, aliás, era um problema: tinha viroses, úlceras e pontadas sem fim. Até que pouco a pouco, seus problemas de saúde foram sumindo. Aos 12 anos, ganhava corpo, e suas rugas, misteriosamente, foram desaparecendo. Procurou um médico, que não teve dúvida. Disse-lhe:

- Haroldo, você está rejuvenescendo.
- Como, se eu nunca fui jovem? retrucou.
- Bom, nesse caso, então, você está juvenescendo. Parabéns.

Sem saber se aquilo era bom ou ruim, Haroldo foi vivendo sua vida. E logo percebeu que não eram apenas as rugas que sumiam: passou a ver e ouvir melhor. Sua coluna, antes curvada, escoliótica, foi aos poucos se reerguendo e aos 20 já estava quase ereta. E não era a única parte do seu corpo que se erigia, pois Haroldo descobria também aos poucos nascer nele um sentimento inédito: o desejo. Procurou uma parceira, mas poucas eram as mulheres de 20 anos que se interessariam por aquele sujeito grisalho e resmungão. Passou então a trabalhar desesperadamente, dia e noite, para passar o tempo. Ganhou uma boa soma de dinheiro e aos 30 e poucos já reunia então uma pequena fortuna. Aí então (e só aí) se identificava com as pessoas da sua idade. Mas esse momento durou pouco, pois seus colegas logo começaram a preferir uma vida mais tranqüila e reservada enquanto ele começava a preferir sair à noite a trabalhar no escritório. E assim acabou gastando sua fortuna com mulheres, bebida e drogas. Aos 50 e poucos anos, levava uma vida totalmente libertina e gozava de saúde invejável. Até que, entrando na casa dos 60, passou a ganhar certo desconforto com as mulheres e com a vida, sentindo-se mal dentro de seu próprio corpo e optando pelo sexo manual como forma de dar vazão a um desejo ainda latente. Mas esses pensamentos espúrios foram aos poucos sumindo de sua mente de tal forma que aos 65 havia ganhado certa ingenuidade, aliada a uma enorme energia. Sentia-se cada vez mais disposto para brincar, rir e chorar, especialmente aos berros. Tornou-se logo dependente das pessoas à sua volta. Aos 70 já não fazia nada sozinho: já não sabia mais ler, aos poucos desaprendia a falar e logo não conseguia mais andar. E, assim, em seu choro final, viu sua vida passar na frente dos seus olhos, como um filme, e teve a súbita impressão que alguém havia apertado o *rewind*.

Língua Afiada

Ah, mosquinha...
Ah, mosquinha...
Papou mosca.
Lagartixa...
Lagartixa...
Papou mosquinha.

Lucas Viriato (Letras - PUC)

plástico bolha

produzido pelos alunos da
graduação de Letras da PUC-Rio

Editor

Lucas Viriato

Editora Assistente

Marilena Moraes

Redator

Pedro Neves

Fotógrafa

Márcia Brito

Tesoureiro

André Sigaud

Revisão

Rubiane Valério

Distribuição

Luiza Vilela

Conselho Editorial

Paloma Espínola; Luiz Coelho;
Sueli Rios; Chiara Di Axox; André
Sigaud; Isabel Diegues; Paola Ghetti;
Julia Barbosa; Mauro Rebelo;

Colaboradores

Sueli Rios; Marilena Moraes;
Isabel Diegues; Mauro Ricardo;
Paloma Espínola; Mariana Lopes;
Beatriz Sayad

Envie seus textos para:
jornalplasticobolha@gmail.com

Sorria, você não está sendo filmado

Levantou da mesa com classe. Muita classe, o sorriso mortificado, não sabia nem mais ficar séria. Aprendeu a conseguir tudo com um sorriso, podia conquistar o mundo com ele. Aprendeu também que tudo se perde com um sorriso, e até seu sofrimento era estampado com um sorriso.

-Com licença eu já volto.

Todos da mesa retribuíram com um sorriso, claro que te damos licença querida, mas volte logo, não se perca na volta. Caíram na gargalhada, mas que pessoas espirituosas eram seus amigos e seu marido. Eram realmente pessoas muito sorridentes. Trocavam sorrisos o tempo todo. Eram as pessoas mais felizes e satisfeitas daquele ambiente.

Ela foi se afastando vagarosamente da mesa em direção ao toalete, cruzou com o garçom e sorriu. O garçom retribuiu sorrindo também; por mais que a vida ali fora estivesse um pouco dura, aprendeu que da rua para dentro daquele restaurante o mundo tinha que ser feliz. Não importava, era a ordem do patrão, que também sorria para todos os clientes, por mais que tivesse acabado de saber que a sua esposa estava tendo um caso com um deles, casado com a proprietária do ateliê ao lado.

Ela continuou o percurso, cruzou com o dono do restaurante, velho conhecido, e trocaram sorrisos. Porém não parou para conversa, começou a apertar o passo, o toalete não era tão perto assim, precisava chegar logo, se sentia pesada. Uma criança cruzou correndo as suas pernas perfeitas, Ela abaixou a cabeça e sorriu para a criança com a boca suja de molho de tomate. Sorriu. Que gracinha. Nojentinha, mas bonitinha. A criança olhou séria, muito séria para a

proprietária daquelas imensas pernas que atrapalhavam a passagem. E ainda antipática pensou, fazer o quê? Passou por cima e continuou seu caminho sorrindo. Finalmente o toalete.

Enquanto isso, na mesa, o marido e mais seus casais de amigos falavam dos filhos crescendo, da aula de natação do Pedro Henrique Júnior, da casa recém-comprada em Búzios, sempre sorrindo. Eram pessoas bem resolvidas e felizes. Falavam da política um absurdo, da miséria uma tristeza, da violência não tem mais jeito. Nessa hora continham seus sorrisos, disfarçavam, eram obrigados a ficar sérios, e o silêncio pairou a mesa. Pedro Henrique se lembrou do seu nome mencionado num escândalo de corrupção e Anna Clara pensou no peito do encanador. Mas foram só pensamentos distantes e involuntários. Sorriam novamente e começaram a falar do reveillon, a gente estava pensando em Fernando de Noronha, já o outro casal disse que esse ano não iam ficar no Brasil.

Ela entrou no banheiro e amarrou o cabelo, que tinha sido escovado por um bom tempo no salão. Respirou fundo, curvou-se e colocou seus delicados dedos na garganta. Começou a roçar o esmalte vermelho goela abaixo e ali foi se desfazendo de seu sorriso com certa dificuldade, já que estava tão acostumada com aquele formato de estado o dia inteiro, não estado de espírito. E foi indo pelo vaso sanitário todo aquele risoto recomendado pela casa, imagina, Ela não faz regime nenhum, come de tudo, as amigas impressionavam-se. Foi-se o risoto e um pouquinho do *carpaccio*, entradinha leve. Tirou suas delicadas mãos da boca e deu descarga, respirou aliviada e enxugou as

lágrimas, que desceram não por tristeza, mas por certo esforço que o ritual exigia. Lavou as mãos, o esmalte importado continuava intacto. Enxugou bem as mãos para depois soltar o cabelo, que não podia entrar em contato com uma gota sequer de água. Afinal, foram horas para conseguir aquele cabelo. Olhou para o espelho e levantou a blusa levemente. Sorriu, era de se apreciar uma mulher daquela idade sem nenhuma barriga.

Saiu do banheiro e encontrou uma senhora com muito pó-de-arroz na fila e sorriu para aquela pobre criatura, nossa que velha com perfume horroroso. Voltou para a mesa, percorrendo o mesmo caminho da ida, encontrou o garçom e trocaram sorrisos, já eram conhecidos. Chegou na mesa e graças a Deus que não tinha encontrado aquela criancinha sujinha de novo. Que bom querida, pensei que tivesse fugido. Imagina se eu ia deixar meu maridinho sozinho aqui. Sentou e deu um beijo-estalinho no marido e depois sorriu para todos que retribuíram sorrindo.

Falaram de algumas coisas mais. Sempre sorrindo e combinaram de semana que vem, talvez, se houver tempo, irem para Itaipava, na casa do Carlos Eduardo. Mas iam se falar durante a semana, já estava tarde e tinham que ir para casa, a babá deve estar deixando a Anna Carolina vendo televisão até agora.

Levantaram-se. Despediram-se. Todos sorrindo, satisfeitos com a vida. Trocaram beijos, sutis, cordiais e delicados.

Foram todos para casa. Foram para casa chorar.

Camila Justino (Letras - PUC)

ETTORE

CUCINA ITALIANA

PÃES
ANTIPASTOS
MASSAS
MOLHOS

PIZZAS
SALGADOS
DOCES
TORTAS

Entregas na Gávea e Leblon
sábados, domingos e feriados

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D. Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ

Tel.: 2493-5611 / 2493-8939

Produção Textual

Letras

Discurso

Poesia

Literatura

Formação de Escritor – 3 anos

Formação de Tradutor – 4 anos

Formação de Professor – 4 anos

Português e Literatura

Português e Inglês

Tradução

Roteiro

Leitura

Departamento de Letras – PUC-Rio
(21) 3527-1444/1445/1447
letgra@let.puc-rio.br
www.lettras.puc-rio.br

Eles estão entre nós

Eu estou dirigindo na estrada. É noite. A estrada está deserta. É quando, sem nenhum motivo aparente, eu vejo uma luz no céu. Eu... Eu não consigo me mover. O medo me domina, me paralisa. Eu sinto agonia, mas não de dor. Não consigo pensar, não consigo me mover. Eu... Eu não consigo me mover. O medo me domina, me paralisa. Eu sinto agonia, mas não de dor. Não consigo pensar, não consigo me mover. Meu primeiro instinto, mesmo estando incapaz de raciocinar, é de sair dali. De me livrar daquilo. Tento andar com o carro, mas ele não se move. Quando vejo, já é tarde demais. Tem uma luz em cima de mim e sinto que estou sendo puxado. Eu atravesso o vidro, mas o medo anestesia minha dor. Meu único pensamento ainda consciente é: Por que eu? Agora estou em uma sala. Há muita luz aqui. Fico na ânsia de tentar abrir os olhos para ver o que está acontecendo, no entanto, não consigo mantê-los assim por muito tempo. Socorro. Penso, não consigo falar. Está tudo acontecendo muito rápido. Um som quebra o silêncio. Sinto-me preso. Em uma cadeira. Minha boca está abrindo, mas não tem ninguém tocando nela. Tento evitar, só que é mais forte do que eu. O som agora se parece com vozes. De uma língua que nunca ouvi. Mas não parecem pessoas. Onde estou? As vozes pararam, mas não consigo distinguir se isso é bom ou ruim. Finalmente consigo abrir os olhos. Há seres. Eles são diferentes de mim. Um deles se aproxima da minha orelha. Nesse momento eu descubro o que é medo. Cada batida do meu coração demora uma eternidade de sofrimento e agonia para passar. De repente esse ser emite um som. Está mais para um grunhido. Agora eu vejo movimentação: O que está acontecendo? É meu último pensamento antes de os testes começarem. O silêncio e as vozes agora são substituídos por um horrível som de máquinas. Tem alguma coisa perfurando meu dente. Meu Deus, a dor! Eu rezo pela morte, para acabar com o meu sofrimento. Não é só o meu dente. Sinto meu sangue se esvaindo. Minha cabeça sendo perfurada. Também sinto minha pele sendo esticada. Quando se está em uma situação assim, o pior é a sua impossibilidade de reação. Ter que esperar para ver o que vai acontecer. Sem saber se vai estar vivo para ver qualquer coisa além disso. Quando sem mais nem menos, quase tão surpreendentemente quanto minha abdução naquela estrada, eu acordo. Eu acordo, mas percebo que daquele momento em diante nunca mais seria o mesmo. Foi tão real. Percebo que aquele sonho me mudaria para sempre de uma forma que eu nunca esperava ser mudado. E não, não vou contá-lo a ninguém. Será um segredo que sempre carregarei comigo. Porque, afinal, quem acreditaria que eu sonhei que era humano?

(Relato traduzido da língua Anthariana)

Paulo Gravina (Economia -PUC)

Ensaio

Tradução de textos infantis: um exercício de delicadeza

Se não tenho filhos, não leciono, mal convivo com crianças, por que escrever sobre literatura infantil?

Na verdade, sou tradutora, e é com o olhar de quem transforma o texto original e o torna acessível a novos leitores que venho considerar alguns pontos ligados à tradução de livros infantis.

Na teoria da tradução, Eugene Nida, o pai da **equivalência dinâmica** (*), ensina que o profissional deve avaliar a natureza da mensagem, o objetivo do autor, e, conseqüentemente, do tradutor, e o tipo de público visado pelo original (Barbosa, 1990).

No caso das crianças, é necessário, antes de tudo, respeito. Somos responsáveis pelas informações que lhes chegam, e elas merecem, simplesmente por serem crianças, o melhor possível.

A preocupação é mundial: em março de 2006, aconteceu em Bolonha, na Itália, a **43ª Feira de Literatura Infantil** (<http://www.bookfair.bolognafiere.it>), que destacou a importância do tradutor no desenvolvimento e na internacionalização da literatura infantil. Foram abordados temas como a tradução para crianças árabes, o papel da cultura, sendo focalizados conflitos e tendências de globalização, além da necessidade de adaptar ao invés de traduzir.

São diversos os procedimentos técnicos de que se vale o profissional da tradução, entre eles a equivalência, a compensação, a reconstrução de períodos, a aclimatação e a adaptação.

Adaptar é o limite extremo da chamada “tradução oblíqua”, não literal, usado quando a situação “extralingüística” não existe no universo cultural dos falantes da língua-meta, devendo ser recriada através de situação equivalente.

É o caso dos livros infantis: a adaptação tem de ser responsável. O tradutor vai ultrapassar as barreiras do idioma e se valer de referências culturais, num trabalho além do “copia e cola.” Será necessário mudar, adicionar, substituir, incluir, recombinar. De maneira inteligente e hábil, no caso do Brasil, trocar a neve pela praia, o casaco pelo biquíni, explicar por que uma menina muçulmana usa um xador, por que um garoto na Índia não come carne de vaca.

É importante seduzir o leitor de amanhã, com a necessária sensibilidade para conquistar crianças da era da internet, da comunicação instantânea, dos *blogs* e *chats*, mas ainda fascinadas pelas palavras, pelos livros, pelas histórias de outras crianças.

O que sugiro ao tradutor é um exercício de delicadeza. Trabalhe o texto como se fosse uma poesia, uma canção. O ritmo deve ser artesanal.

Em entrevista no *site* <http://www.booktrusted.co.uk/>, a tradutora inglesa Sarah Adams, vencedora em 2005 do prêmio Marsh, do *National Centre for Research in Children's Literature* (<http://www.ncrcl.ac.uk/>), traz uma imagem interessante: o tradutor acrescenta algumas camadas de tinta ao texto e remove outras, num trabalho que classifica de “penoso”.

Nem tudo chega a quem lê um texto traduzido; os profissionais já se conformaram com o fato. Mas a sutileza e a brandura serão decisivas para transportar a criança para dentro da história. Um bom ilustrador poderá ser um grande aliado, mas nem sempre estará disponível.

Findo o trabalho, peça para uma pessoa avaliar. Dê preferência a alguém de pouco mais de um metro, com pelo menos dois dentes faltando.

Marilena Moraes (Letras - PUC)

* A equivalência dinâmica tenta transpor o texto de modo que o leitor encontre no texto traduzido modos de comportamento e outros elementos extralingüísticos relevantes em sua própria cultura

Textos consultados:

BARBOSA, Heloisa G. (1990) *Procedimentos Técnicos da Tradução*. São Paulo: Pontes

CAMPOS, Geir (1987) *Como Fazer Tradução*. Petrópolis: Vozes in <http://www.ead.ufms.br>

VENUTI, Lawrence. *A Invisibilidade do Tradutor in Palavra* 3 (1995). Rio de Janeiro: Letras/PUC-Rio.pp 111-134

garganta

gota rota
em rota reta
contornando a forma posta
um disfarce de concretude
pra efemeridade exposta

pouso

a garça pousou no tronco
e o ronco da serra cessou
o silêncio abriu o acesso
para a ave que a sombra criou

rasura

rasura
pena de morte
o raso afoga a tinta
procura cego o pincel
de um quadro que não se pinta

Três poemas de Patrick Sampaio (UniverCidade)

Banca da PUC



CLIQUE AQUI

<http://www.anjosdeprata.com.br>

Um site que, desde 2000, vem apresentando exercícios quinzenais, em que a proposta é escrever sobre um tema pré-determinado. Anualmente é publicada uma coletânea dos melhores textos dos participantes da página. Uma ótima oportunidade para os novos autores mostrarem seu potencial.

vale o clique!